

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO RIBEIRINHO DA AMAZÔNIA PARINTINENSE

Érica de Souza e Souza ¹

RESUMO

Este estudo objetiva refletir sobre a temática Educação do Campo no contexto ribeirinho da Amazônia Parintinense a partir de diálogos tecidos com pais, educandos, comunitários e professores sobre a educação nas comunidades ribeirinhas do Divino Espírito Santo do Paraná do Meio e Santo Antônio do Tracajá pertencentes ao município de Parintins/AM. Realizou-se o estudo sobre as percepções dos sujeitos do campo sobre a educação destinada às comunidades investigadas. O mesmo insere-se no campo da pesquisa qualitativa (SANDÍN ESTEBAN, 2010) do tipo narrativa em educação, e engendra-se nas discussões educacionais que configuram a educação do campo no contexto amazônico. Constatamos que os sujeitos da pesquisa, bem como a própria região não estão cristalizados no tempo e no espaço. Eles têm perspectivas e projetos de vida e inserem-se no movimento e na luta por uma Educação do Campo. Conclui-se a partir das vozes dos entrevistados que faz-se emergente políticas públicas educacionais de caráter afirmativo e não compensatório para os povos do campo no contexto amazônico.

Palavras-chave: Educação do campo, Comunidades ribeirinhas, Amazônia Parintinense..

INTRODUÇÃO

Investigações sobre Educação no Campo na Amazônia a partir das vozes dos atores sociais que residem nessa região se configura em uma questão emergencial e um novo horizonte para se (re) pensar o processo educativo e as políticas públicas educacionais que configuram a educação do campo nesse contexto e, mas especificamente no município de Parintins.

Fundamentado nos estudos de Arroyo, Caldart e Molina (2011); Santos e Neves (2012); Silva e Gonzaga (2013); Silva Junior e Netto (2011) entre outros, este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa do tipo narrativa em educação.

O trabalho emergiu a partir de atividades de campo realizadas durante o estágio supervisionado II do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, nas comunidades do Divino Espírito Santo do Paraná do Meio e Santo Antônio do Tracajá, pertencentes ao município de Parintins/AM.

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, souzaoficial7@gmail.com;

O trabalho encontra-se organizado em dois momentos. No primeiro, apresenta-se a um aporte teórico sobre a temática Educação do Campo visando mobilizar discussões que contribuíssem para a concretização de uma educação de qualidade para os povoados do campesinato nacional e, sobretudo regional. No segundo, trazem-se as vozes de pais, educandos, comunitários e professores das comunidades investigadas.

Assim, evidencia-se que os sujeitos entrevistados são os protagonistas do estudo, pois são eles que vivenciam os desafios e as dificuldades encontradas nesses contextos.

Constatou-se que os sujeitos da pesquisa, bem como a própria região não estão cristalizados no tempo e no espaço. Eles têm perspectivas e projetos de vida e inserem-se no movimento e na luta por uma Educação do Campo. Conclui-se a partir das vozes dos entrevistados que faz-se emergente políticas públicas educacionais de caráter afirmativo e não compensatório para os povos do campo no contexto amazônico.

METODOLOGIA

A metodologia adotada sustenta-se na abordagem qualitativa que preconiza que “é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais [...]” (SANDÍN ESTEBAN, 2010, p. 27).

Optamos em trabalhar com a pesquisa tipo narrativa, pois a narrativa surge da dialética paradoxal entre o vivido-passado, as projeções do futuro, mas se potencializa nos questionamentos do presente em função da aprendizagem experiencial, permitindo a transformação e autotransformação do próprio sujeito (SOUZA, 2011).

O contexto da pesquisa trata-se de duas comunidades ribeirinhas pertencentes ao município de Parintins-AM. Parintins é um município brasileiro do Estado do Amazonas, cuja área de unidade territorial é 5.952,390 (Km²) e possui a população com mais de 100, 000 habitantes estimada pelo último censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

Pinheiro (2012) destaca que na região amazônica, a terminologia comunidade refere-se a concentrações populacionais da zona rural de várzea e de terra firme. São pequenos núcleos localizados ao longo dos rios, igarapés, lagos próximos ou distantes da cidade. Seus nomes estão associados ao nome de um santo ou uma santa padroeiros do local ou associado à referência geográfica relacionada ao nome do rio (PANTOJA, 2005).

A primeira trata-se da comunidade Divino Espírito Santo do Paraná do Meio que pertence a uma área de várzea e por isso possui um calendário escolar especial, onde o período letivo decorre entre os meses de agosto a maio. A comunidade ainda conta com uma igreja católica, um barracão onde funciona a Associação de comunitários e a Escola Municipal Pedro Reis Ferreira.

Figura 1: Escola Municipal Pedro Reis Ferreira



Fonte: Souza, 2013.

Figura 2: Igreja do Divino Espírito Santo



Fonte: Souza, 2013.

A maioria das residências existente na comunidade são de madeiras coberta de telhas. A população atual sobrevive da agricultura familiar, criação de pequenos rebanhos de gado, criação de abelhas e extração do mel, da pesca e com o auxílio do programa do governo federal “Bolsa Família”.

A segunda trata-se da comunidade Santo Antônio do Tracajá que pertence a uma área de terra-firme e também possui um calendário escolar diferenciado, onde o período letivo acontece entre os meses de janeiro e setembro. A comunidade ainda conta com uma igreja católica, uma Associação de comunitários e a Escola Municipal Luiz Gonzaga.

Figura 3: Comunidade Santo Antônio do Tracajá



Fonte: Souza, 2013.

Figura 4: Parte interna da Escola Luz Gonzaga



Fonte: Souza, 2013.

Diferente da primeira comunidade, esta apresenta elementos urbanísticos tais como praças e ruas. A população sobrevive da fabricação de carvão, agricultura familiar, pesca e auxílio do Programa “Bolsa Família”. As residências são de alvenarias, madeira e também de palhas de palmeiras.

Os sujeitos da pesquisa foram 5 educandos que estudam nas escolas das comunidades, sendo 1 do Ensino Médio Tecnológico e 4 do Ensino Fundamental, 3 comunitários sendo eles também pais e familiares de estudantes, e 2 professores.

Realizaram-se entrevistas livres, onde procurou-se conhecer as percepções desses sujeitos no que concerne ao que pensam sobre a educação oferecida pelas escolas, bem como suas principais problemáticas. As falas foram transcritas e preservadas, sem qualquer alteração gramatical. Para se alcançar essa informação utilizou um gravador de voz, câmera digital e caderno de campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação no campo no contexto ribeirinho da Amazônia: desafios e perspectivas

A região amazônica é conhecida internacionalmente por sua gigantesca hidrografia, vasta biodiversidade da sua floresta tropical, riqueza cultural, exuberâncias e reservas naturais, no entanto apresenta muitas limitações principalmente no que diz respeito à educação básica, a saúde, e ausência de políticas públicas para as pessoas que residem no campo.

As lutas por uma educação do/no campo na Amazônia, e especificamente no contexto ribeirinho passam pelas experiências e lutas históricas vivenciadas por seus

agentes sociais. O homem ribeirinho também denominado camponês amazônico, é fruto da confluência de outros sujeitos e condensa o indígena, o seringueiro, o quilombola, o caboclo/ribeirinho (WITKOSKI, 2007).

Dessa forma, não podemos discutir educação nesse contexto sem primeiro compreender que os povos da Amazônia não vivem isolados no tempo e no espaço, pois estabelecem relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala global (FRAXE; WITKOSKI e MIGUEZ, 2009).

Partindo dessa abordagem, no que diz respeito especificamente aos desafios para a efetivação de uma Educação do/no campo no contexto ribeirinho, aponta-se a necessidade de constituir uma educação voltada para esse espaço, que tenha uma escola feita pelos sujeitos que trabalham e nela vivem (SANTOS e NEVES, 2012).

Outro desafio que se coloca consiste em formar professores qualificados, com conhecimentos teóricos epistemológicos e metodológicos, para atuarem nessa realidade distinta da zona urbana e que contemple esse contexto camponês de salas agregadas e multisseriadas, pois conforme bem discute Silva e Gonzaga (2013) falta professores qualificados ao atendimento das demandas dessa realidade historicamente reprimida.

Nesta direção, faz-se necessário investir na formação de professores, sobretudo na inicial e proporcionar que os professores em processo formativo das universidades locais sejam oportunizados com experiências não somente nas escolas urbanas, mas também nas rurais, uma vez que temos percebido no contexto educacional da região em especial o do município de Parintins, que as primeiras experiências profissionais da docência têm sido no contexto ribeirinho.

Não devemos deixar de levar em consideração outra questão desafiadora para a educação do campo, entre elas destacam-se as más condições de trabalho que os educadores estão submetidos, falta estruturas e recursos materiais, transporte e moradia adequada, valorização salarial e social da profissão.

Compartilhando desse pensamento Silva; Gonzaga (2013) esclarece que para se realizar o ofício de ensinar o professor precisa de condições necessárias, como condições adequadas de trabalho e valorização salarial, o que implica a implementação de políticas públicas prioritárias para esse contexto ribeirinho.

Além disso, ao pensar a educação do campo em sua conjuntura, faz-se relevante mencionar um fator preponderante para que se possa estabelecer uma educação de

qualidade, ausência de políticas públicas que confronte as reais necessidades dos sujeitos do campo, de certo modo traduzindo-se em imensos desafios tais como: distância geográfica, ou seja, há muitas localidades com difícil acessibilidade, outra situação são as regiões de várzea, onde ação da natureza impera, este habitante vive um eterno recomeço, seja pela vazante ou pela enchente (SOUZA e ALMEIDA, 2010).

Em direção a este pensamento ainda o transporte é precário deixando muitas vezes condições inviáveis de ter uma educação de qualidade e assim são múltiplos os desafios enfrentados pelos povos ribeirinhos, mas que a cada dia luta por dignidades, pois muitas vezes os financiamentos destinados à educação estão centradas nas escolas urbanas.

Em face disso pode-se elucidar que embora a educação do campo ainda seja um território em construção a ser desenvolvido e potencializado como bem discutido por (SANTOS; NEVES, 2012), as perspectivas quanto a esse cenário são as melhores possíveis, pois percebemos que as universidades federais e estaduais locais já engendram na perspectiva de desvelar e divulgar essa região.

Contudo, o momento histórico impulsionado pela complexidade da contemporaneidade exige uma mudança de postura em relação à Educação do/no Campo no espaço amazônico para que possa acontecer verdadeiramente a emancipação da escola e do homem inserido no contexto ribeirinho da Amazônia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dialogando com os sujeitos do campo na Amazônia

Ao iniciar essa discussão, busca-se apresentar alguns indicativos que julgamos pertinentes para discussão sobre a educação a partir do olhar dos educadores, comunitário, pais, educandos na condição de protagonista de sua própria história, de suas vivências, contribuindo para que tenhamos uma compreensão significativa sobre essa realidade educacional que aos poucos está sendo desvelada.

O primeiro contato com as comunidades ribeirinhas ocorreram quando chegamos às comunidades e fomos oportunizados em acompanhar o desembarque de alguns educandos que chegavam para mais um dia letivo.

Figura 5: Transporte Escolar na C. Espírito Santo



Fonte: Souza, 2013

Figura 6: Transporte Escolar na C. Tracajá



Fonte: Souza, 2013

Em seguida, prossegue-se com atividades desenvolvidas nas escolas Pedro Reis Ferreira e Luiz Gonzaga e consecutivamente realizou-se entrevistas livres com os sujeitos que compõem este estudo, sobre como concebem a educação que é ofertada em sua comunidade, sabendo que por meio das literaturas especializadas a educação em esses espaços territoriais ao longo de seu percurso histórico foi considerado resíduo do sistema.

Devido à necessidade de evidenciar as vozes desses atores sociais e por se tratar de realidades que possuem suas próprias especificidades optamos em analisá-las conforme os contextos das comunidades, pois é preciso que o homem, a mulher, a criança e o professor enquanto sujeito em construção do campo tenham seu rosto revelado, bem como seu nome, sua história, gênero, raça, idade e formação, ou seja, é necessário tirar a máscara e descobrir a pessoa que esta por traz desses sujeitos (ARROYO, 2011).

Na comunidade do Divino Espírito Santo do Paraná do Meio a educação, é um grande desafio, como qualquer comunidade ribeirinha, tanto pela estrutura física quanto pedagógica, isso se pode perceber na concepção do estudante “A” do 3º ano do Ensino Médio Tecnológico:

A educação tá num nível bom tem bom professor. Só que com a destruição da escola o ensino ficou, mas difícil. Quero ir para a cidade e fazer o vestibular. Pretendo sair deste lugar da comunidade (“A”, estudante do 3º ano do Ensino Médio Tecnológico).

Na mesma direção, identificamos por meio da declaração de um comunitário que a educação ofertada é classificada como “boa”. *A educação tá boa, dá pra levar, mas a*

escola é um dos maiores problemas, por causa do temporal que destelhou a escola e aí ainda não mandaram endireitar [...] (Comunitário “C1”).

Essa afirmação é corroborada por um estudante do 5º ano do ensino Fundamental, onde afirma que o ensino no contexto urbano, no caso a cidade de Parintins é melhor e considera o da comunidade fraco:

Eu acho que a educação daqui é boa, mas fraca, porque eu já morei um ano em Parintins com minha tia, e lá na cidade é, mas puxado, a escola é melhor, tem, mas professor, a educação é melhor, têm livros, tudo [...]. Se o papai deixar quero estudar lá até me formar (“B”, estudante do 5º ano do ensino fundamental).

Para que não se tenha que ouvir relatos como este é que Caldart (2011) vem discutido que é imprescindível construir uma escola do campo para viver no campo e se inverter essa lógica de que se estuda para sair do campo. Dessa forma a escola que se faz necessário é a escola da qual as crianças e os jovens possam sentir orgulho, não porque não enxergam seus problemas, mas porque estão dispostos e preparados para enfrentá-los.

Por outro lado, a educação nesta realidade ribeirinha sob o ponto de vista da comunitária e mãe de um educado demonstra que há uma educação boa como bem expressada pela mesma, porém afirma que o problema de fato concerne à estrutura arquitetônica da escola que é precária.

A educação é boa, os professores são bons tratam agente bem, todo dia os meus filhos trazem tarefa para casa. O problema mesmo é a escola que o temporal destelhou e agora né as crianças estão estudando nos braços, quando isso aqui enche, alaga tudo, a água transborda e chega até nas casas, na escola e agente tem medo né, por causa de arraia, cobra. O pessoal da prefeitura já vieram aqui, só tiraram umas fotos e não voltaram mas, agora as crianças estão estudando assim, nessas condições (“C2”, Comunitária e mãe de educandos).

Ao finalizar o diálogo, entrevistamos um professor que atua no 1º ano do Ensino Fundamental e expõe seu pensamento com relação à educação na comunidade da seguinte forma:

As dificuldades ainda são muitas, até por causa da enchente e da vazante. A educação ainda tá longe de ser o ideal, mas eu procuro fazer o meu melhor. Os meus alunos sabem ler e escrever, muito melhor que muitas crianças da cidade, eu desafio qualquer professor da cidade, porque eu acredito naquilo que eu faço, eu acredito no meu trabalho. Problemas em qualquer parte que agente for vai ter, mais quem muda essa realidade somos nós os professore (“P1”, Professor do 1º ano do Ensino Fundamental).

Na comunidade do Santo Antônio do traçajá a educação é concebida pelos seus sujeitos e pela comunidade como “boa”, da mesma forma que os sujeitos da primeira comunidade conceberam, no entanto nessa segunda comunidade os atores sociais trazem outros indicativos para a discussão.

Nas palavras do estudante “C”, a educação é boa, no entanto é necessário aumentar a estrutura física da escola, uma vez que além da escola Luiz Gonzaga existe outros dois anexos que funcionam salas de aulas improvisadas como forme conforme transcrevemos a seguir:

A educação está boa, o professor é muito legal, a escola é boa, só que falta aumentar a escola, porque eu estudo aqui e meu irmão estuda lá no galpão de baixo. (“C”, Estudante do 5º ano do ensino fundamental).

Essa situação também está explícita na alocação do estudante “D” que relata:

Os professores ensinam bem, a escola, as salas de aula são boas, mas precisa ser melhor, por conta das salas estarem espalhadas. Penso em fazer faculdade e voltar para a comunidade. Me inspiro no professor de língua portuguesa, por que trabalho não tem muito, só carvão, farinha, madeira. Gostaria que trouxesse uma quadra para a comunidade, para ter, mas esporte, pois tem muitos jovens que fumam até drogas (“D”, estudante do 9ª ano do Ensino Fundamental).

Nesse contexto, a narrativa da educanda “D”, revela que os problemas sociais como uso de drogas não é uma realidade apenas do espaço urbano e alheio ao campo. Da mesma forma revela queo estudante do campo tem perspectivas em ingressar no ensino superior e retornar para contribuir com sua comunidade. Essa perspectiva também está presente na fala do estudante “E”.

A escola é boa, os professores, a gestora, as merendeiras, tem laboratório de informática, livros, jogos. Meus irmãos e minha mãe estuda aqui à noite, no outro ano nos vamos mudar para Parintins, eu e uma irmã que quer fazer faculdade lá, porque lá tem mais oportunidade de estudo, vamo morra com uma outra irmã mais velha que morra lá. (“E”, estudante do 5ºano do ensino fundamental).

Para o professor “P2” que trabalha no 2º ano do Ensino Fundamental apesar dos desafios encontrados em sala de aula, a escola procura estabelecer uma parceria com a família e os professores possuem uma relação de cooperação uns com os outros.

A escola é muito boa, nós professores temos um bom relacionamento, procuramos ajudar uns aos outros. Temos muitos desafios a enfrentar com os alunos, pois cada aluno tem um ritmo de aprendizagem, mas tentamos fazer

o nosso melhor, chamar a família para a escola, sempre que dá e quando a SEMED chama, vamos fazer qualificação. Então estamos tentando fazer o melhor que podemos aqui na comunidade. (“P2”, Professor do 2º ano do Ensino Fundamental).

Por fim, trazemos a narrativa de uma comunitária, pois compreendemos que este relato é rico no sentido de compreender os processos históricos educativos da comunidade de Santo Antônio do Tracajá.

Tá muito boa, a escola é bonita, grande, só não estuda quem não quer, no meu tempo agente não tinha nada disso e não dava para estudar, agente tinha que trabalhar com a mãe e o pai, só aprendi mesmo a escrever o nome. Agora tá tudo bom, o governo ajuda, tem muitos professores. Então eu acho que tá boa, a educação tá boa (Comunitária, “C3”).

Essa narrativa revela que nem sempre a educação dos povos que habitam o campo na região amazônica foi prioridade para o Estado e suas políticas públicas educacionais, onde até algumas décadas atrás pouco eram as escolas e professores nesse espaço.

De modo geral, as respostas dos sujeitos colaboradores revelam que a educação no contexto ribeirinho é um grande desafio, há muitas dificuldades, faltam políticas consistentes que abarque as necessidades desses sujeitos, identificamos o descaso do poder público, que embora saiba das necessidades concretas, demoram a realizar suas obras, implicando de certo modo na qualidade educacional.

Por outro lado, embora as problemáticas emergenciais vivenciadas por estes sujeitos, conseguiu-se perceber que a educação mesmo que paulatinamente têm contribuindo para formação dos sujeitos, isso é fortemente demonstrado nas falas dos mesmos. Tal situação nos permitiu refletir que embora essas escolas ainda estejam longe de uma educação de qualidade, percebe-se que a educação mesmo que paulatinamente vem melhorando ainda que esteja longe de ser considerada de ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se a temática Educação do Campo a partir de diálogos tecidos com pais, educandos, comunitários e professores sobre a educação nas comunidades ribeirinhas do Divino Espírito Santo do Paraná do Meio e Santo Antônio do Tracajá pertencentes ao município de Parintins/AM.

Com base nas narrativas dos entrevistados foi possível perceber que os sujeitos do campo do contexto amazônico, bem como a própria região não estão cristalizados no

tempo e no espaço. Eles têm perspectivas e projetos de vida e inserem-se no movimento e na luta por uma Educação do Campo.

Enfatizamos que este estudo possibilitou um conhecimento sobre as comunidades investigadas, pois ouvir os sujeitos do campo constitui-se em uma nova perspectiva para a superação da racionalidade que desconsidera as vozes dos sujeitos.

Afirmamos que assim com as águas, a terra e as florestas amazônicas são elementos em potencial, a Educação do Campo também precisa ser potencializada e ancorada nos pressupostos de um projeto humano e emancipatório que possibilite o desenvolvimento social do camponês amazônico.

Concluimos a partir das vozes dos entrevistados que faz-se emergente políticas públicas educacionais de caráter afirmativo e não compensatório para os povos do campo no contexto amazônico.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação no campo**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. *Apresentação*. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação no campo**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação no campo**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo”. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação no campo**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR HISTÓRICO, UMA REALIDADE CONCRETA. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. OSERDA AMAZÔNIA: IDENTIDADE E INVISIBILIDADE. **Cienc. Cult.** vol.61 no. 3. São Paulo, 2009. ISSN2317-6660.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 de set. 2014.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. A várzea do Médio Amazonas e a Sustentabilidade de um modo de vida. In: LIMA, Deborah. **Diversidade socioambiental nas várzeas do rio Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade**. Manaus: IBAMA, Pro Várzea, 2005. 157-205.

PINHEIRO, Wallace Meirelles. **Políticas Públicas e Sustentabilidade na Amazônia**. Manaus. Editora Valer, 2012.

SANTOS, Edinéia Oliveira dos; NEVES, Márcia Luzia C. EDUCAÇÃO DO CAMPO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: reflexões e proposições. **Entrelaçando. Revista Eletrônica de Culturas e Educação**. N. 6 · V. 1 · p. 1-10 · Ano III (2012) · Set.-Dez · ISSN 2179.8443.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; NETTO, Mário Borges. POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: percursos históricos e possibilidades. **Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação**. Caderno temático: Cultura e Educação do Campo n. 3 p. 45-60, Ano 2 (Nov/2011). ISSN 2179.8443.

SILVA, Simone Souza; GONZAGA, Amarildo Menezes. **Currículo e pesquisa narrativa na formação de professores**. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino. “Vim aqui para ficar com os ‘comigos’ de mim”: estágio, narrativas e formação docente. In: SUSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra (org.). **Universidade-escola: diálogos e formação de professores**. Petrópolis, RJ: De. Petrus; Rio de Janeiro; Faperj, 2011.

SOUZA, José Camilo Ramos de; ALMEIDA, Regina Araújo de. VAZANTE E ENCHENTE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: IMPACTOS AMBIENTAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS. **VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física Universidade de Coimbra**, Maio de 2010.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, floresta e água de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus. Editora Universidade Federal do Amazonas, 2007.